

Evolução da Balança de Serviços em Portugal

O comércio internacional assume-se, no modelo de desenvolvimento económico adotado no atual contexto de globalização, como fator propulsor do crescimento económico. A possibilidade de alargar o mercado e assim evitar estrangulamentos provocados pela insuficiente procura interna e mesmo o aproveitamento das oportunidades decorrentes do desenvolvimento de outros países, mostram-se como ferramentas incontornáveis na política de desenvolvimento económico.

Apesar da menor dimensão do comércio internacional de serviços face aos bens, a sua importância tem vindo a aumentar o comércio de serviços na economia mundial, e em particular na economia europeia. Também em Portugal o comércio internacional de serviços tem vindo a assumir uma importância crescente, já que em 1995 o saldo da Balança de Serviços representava 0,4% do PIB e no 2.º trimestre de 2011 esse peso era já de 3,1%. Em termos comparativos, o peso em Portugal é bastante superior à média da zona euro, cujo peso diminuto está influenciado por países como a Alemanha que, ainda assim, tem vindo a seguir uma trajetória ascendente, (Figura 1).

Figura 1. Saldo da balança de serviços em % do PIB no contexto europeu

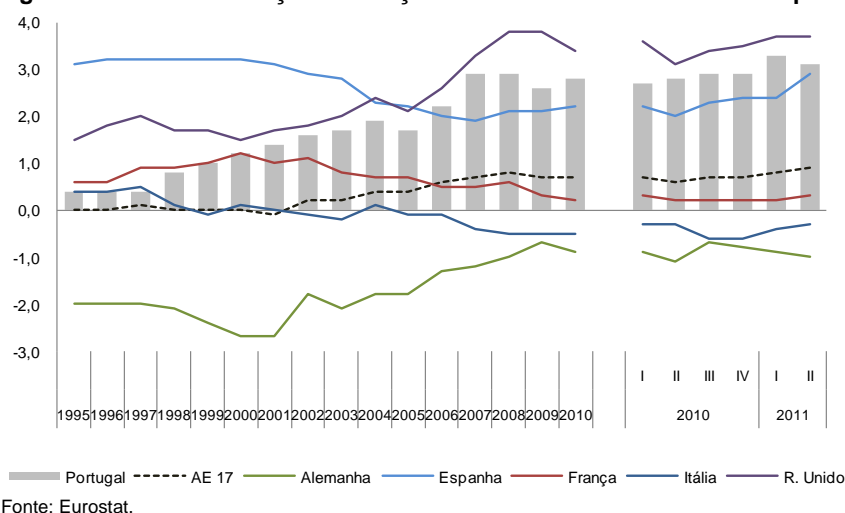
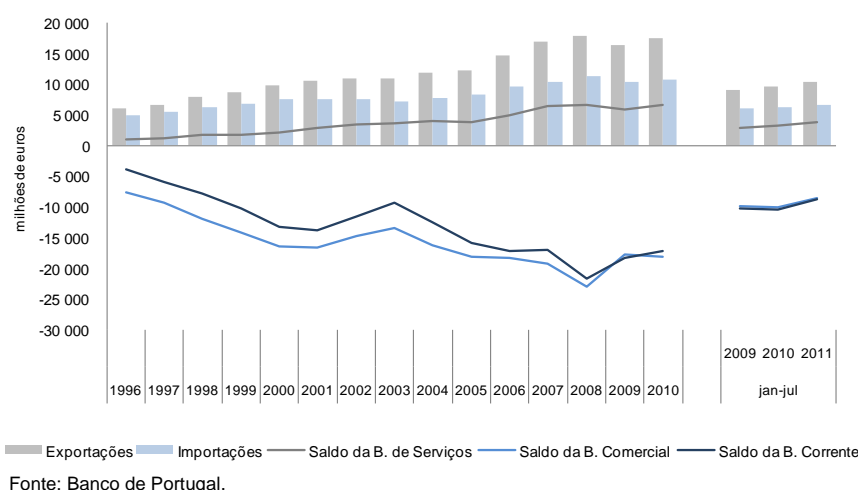


Figura 2. Evolução da balança de serviços em Portugal



No caso português, a Balança Corrente tem sido, nas últimas décadas, persistentemente deficitária fortemente influenciada pelo comportamento da Balança Comercial. A atenuar esse comportamento tem estado a Balança de Serviços, historicamente superavitária, que a partir da segunda metade da década conheceu um aumento mais significativo do seu saldo, (Figura 2).

No que se refere aos principais parceiros no comércio internacional de serviços, verificou-se uma intensificação dos fluxos internacionais com países como o Brasil, Angola e também Irlanda. Em 1996 as exportações para estes países representavam cerca de 5,1% das exportações portuguesas de serviços e em 2010 o seu peso foi já de 11,8%.

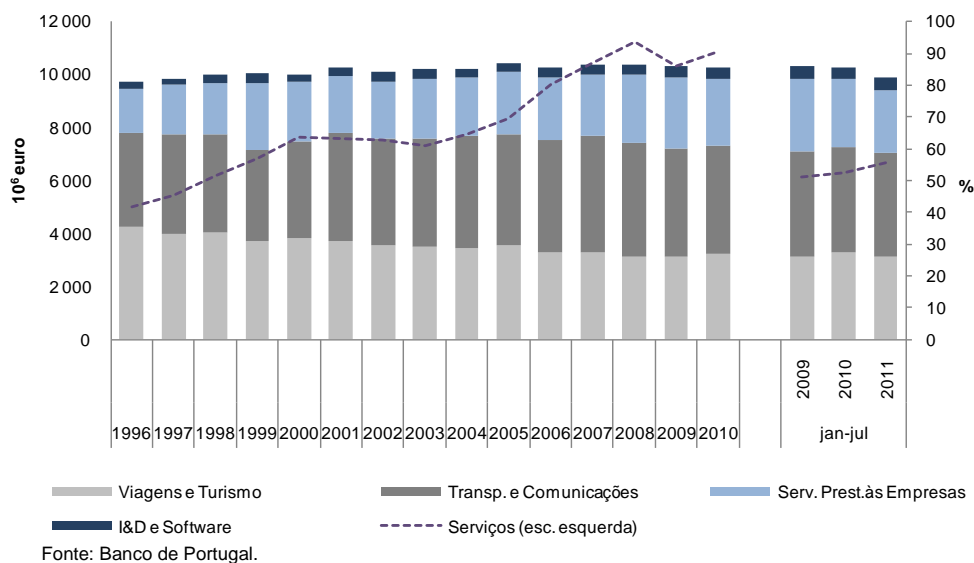
Também do lado das importações se verificou um aumento, embora menos significativo, já quem em 1996 esses 3 países representavam 3,7% das importações portuguesas de serviços e em 2010 esse peso passou para 6,%. Outros países perderam relevância como é o caso da França, Alemanha e EUA que em termos de exportações representavam 40,2% das exportações de serviços e em 2010, embora continuem a ser um forte destino das exportações de serviços representam menos 11,3 p.p.. Do lado das importações também se verificou essa redução, já que em 1996 representavam 33,7% das importações de serviços e em 2010 pesam 24,4%.

Figura 3. Principais parceiros no comércio internacional de serviços

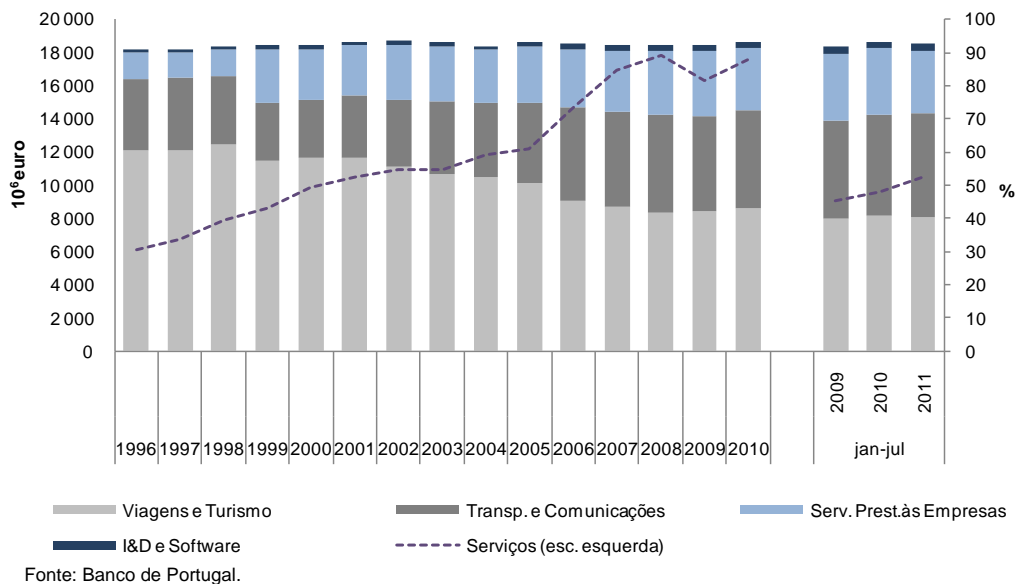
Exportações	1996	2000	2005	2010	Importações	1996	2000	2005	2010
Total	6 077 743	9 830 101	12 227 278	17 572 131	Total	5 002 376	7 622 952	8 315 662	10 866 424
Principais Parceiros	92,3	93,9	93,2	91,4	Principais Parceiros	91,3	91,7	91,9	89,2
Reino Unido	14,1	16,3	18,5	14,3	Espanha	18,4	20,7	24,3	23,2
Espanha	11,1	14,0	15,9	14,3	Reino Unido	11,3	11,8	11,8	12,8
França	15,2	15,2	13,6	13,8	França	12,3	11,1	10,7	9,6
Alemanha	16,4	10,5	10,8	10,2	Alemanha	11,5	9,5	9,8	8,7
EUA	8,7	8,8	5,1	4,9	Suiça	4,6	8,8	7,4	7,6
Brasil	2,7	2,5	3,0	4,9	EUA	10,0	10,4	5,8	6,1
Angola	1,9	1,6	2,1	4,9	Países Baixos	4,3	3,4	3,6	4,1
Suiça	4,0	3,8	4,1	4,3	Brasil	2,5	2,4	4,4	3,5
Países Baixos	3,4	2,9	3,8	4,3	Bélgica e Luxemburgo	5,4	4,2	3,6	3,4
Bélgica e Luxemburgo	5,5	6,4	3,9	3,8	Itália	4,6	4,0	4,2	3,0
Itália	2,8	4,6	4,7	3,5	Irlanda	0,3	0,5	1,5	2,2
Irlanda	0,5	0,9	2,0	2,0	Angola	0,9	0,6	0,9	1,2
Finlândia	0,4	0,4	0,6	1,2	Canadá	1,4	1,1	0,7	0,8
Dinamarca	0,8	0,8	1,2	1,1	Áustria	0,6	0,5	0,5	0,7
Suécia	0,8	1,3	1,3	1,1	Suécia	0,7	0,8	0,8	0,6
Canadá	2,9	2,5	1,0	0,9	Dinamarca	0,6	0,4	0,7	0,5
Noruega	0,5	0,6	1,0	0,9	África do Sul	0,5	0,4	0,4	0,5
Polónia	0,0	0,1	0,2	0,5	Japão	0,6	0,5	0,4	0,4
Rússia	0,0	0,0	0,1	0,4	Moçambique	0,4	0,3	0,2	0,3
Japão	0,6	0,6	0,4	0,2	Venezuela	0,5	0,2	0,2	0,1

Fonte: Banco de Portugal, via AICEP.

Do lado das importações portuguesas de serviços, é na rubrica Transportes e Comunicações que se regista maior volume de importações, seguida de Viagens e Turismo que, embora também tenha vindo a registar uma diminuição do seu peso na estrutura das importações, esta redução é menos acentuada do que nas exportações, (Figura 4).

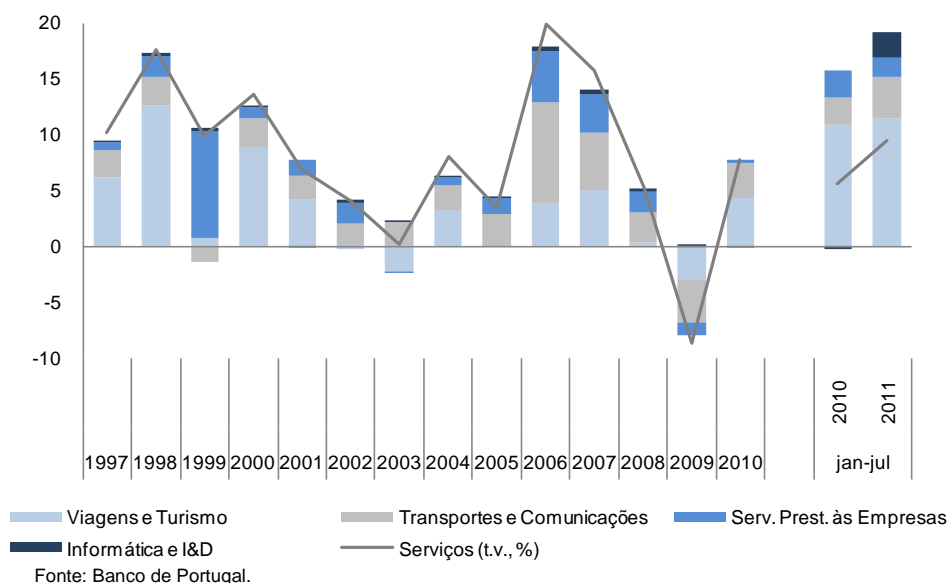
Figura 4. Decomposição das importações de serviços nas suas principais rúbricas

A rúbrica Viagens e Turismo e continua a ser aquela que maior destaque ocupa nas exportações portuguesas de serviços, embora se tenha verificado ao longo da última década uma diminuição do peso por contrapartida de um aumento da importância da exportação de serviços de Transporte e Comunicações e, embora em menor grau, dos Serviços Prestados às Empresas. Também a rúbrica de I&D e Software tem aumentado a sua relevância, mas continua a ter um papel discreto no total das exportações de serviços, (Figura 5).

Figura 5. Decomposição das exportações de serviços nas suas principais rúbricas

A figura seguinte mostra que a rúbrica Viagens e Turismo é aquela que, tradicionalmente, mais contribui para a variação das exportações portuguesas de serviços, com exceção do período 2005 a 2008 durante o qual se verificou um forte contributo da rúbrica de Transportes e Comunicações. Nos primeiros sete meses do ano, verificou-se um acentuado crescimento das exportações de serviços face a igual período do ano anterior (9,5% e 5,6%, respetivamente), influenciado pelo forte contributo do das Viagens e Turismo. A rúbrica I&D e Software, que nos primeiros sete meses de 2010 contribuiu negativamente para o crescimento das exportações portuguesas de serviços teve, em igual período deste ano, um contributo positivo (2,3 p.p. em 2011 face a -0,3 p.p. em igual período do ano anterior).

Figura 6. Contributos para a variação das exportações portuguesas de serviços (p.p.)



Apesar do contributo do Turismo para a variação das exportações de Serviços e do crescimento do saldo da Balança Turística ao longo dos últimos anos, o seu peso nas exportações de serviços tem vindo a diminuir, sublinhando a importância que as outras rúbricas têm vindo a assumir nas exportações portuguesas de serviços.

Figura 7. Evolução da balança turística em Portugal

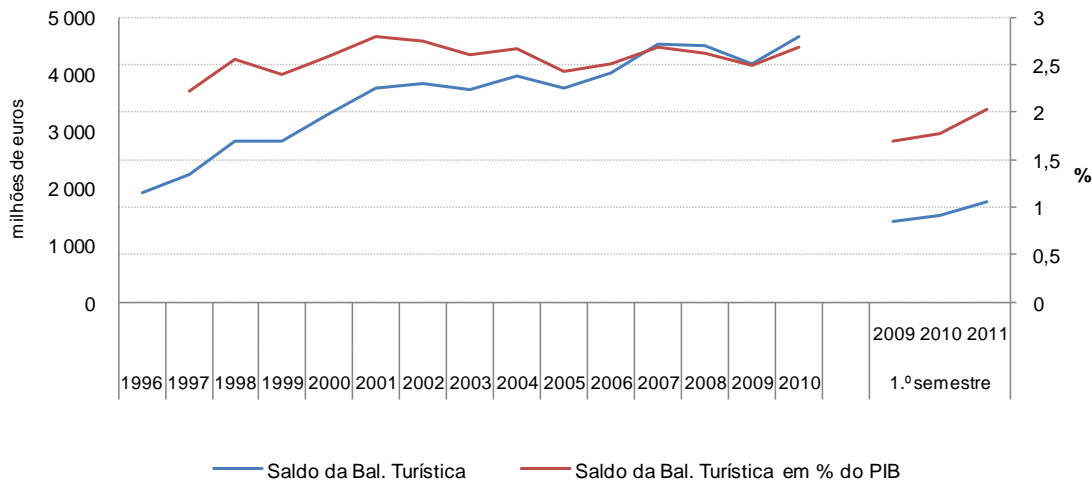


Figura 8. Peso das exportações de turismo nas exportações de serviços em Portugal

	1996	2000	2005	2010	jan-jul	
					2010	2011
Viagens e Turismo						
Créditos	3 687	5 720	6 199	7 601	3 911	4 245
Débitos	1 763	2 422	2 454	2 953	1 721	1 740
Saldo	1 923	3 298	3 744	4 648	2 190	2 505
Exportação de Serviços	6 078	9 830	12 227	17 572	9 585	10 493
Peso das Exportações de Turismo	61%	58%	51%	43%	41%	40%

Fonte: Banco de Portugal.

Comparativamente a outros países europeus registaram-se, entre 2005 e 2007, crescimentos elevados do número de dormidas dos não-residentes (entre 4% em 2005 e 5,8% em 2007), aos quais se seguiram dois anos de decréscimo em resultado da crise financeira internacional. Em 2009 o decréscimo verificado em Portugal (-7,1%) foi superior ao registado noutros países (0,3% na Grécia, -2% em Itália e -6,5% em Espanha).

Figura 9. Número de dormidas dos residentes, por país

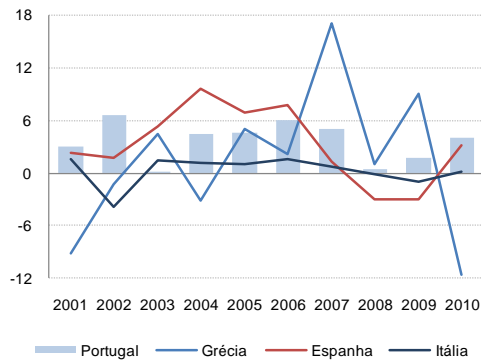
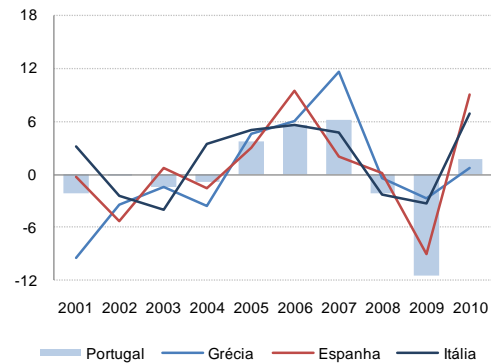


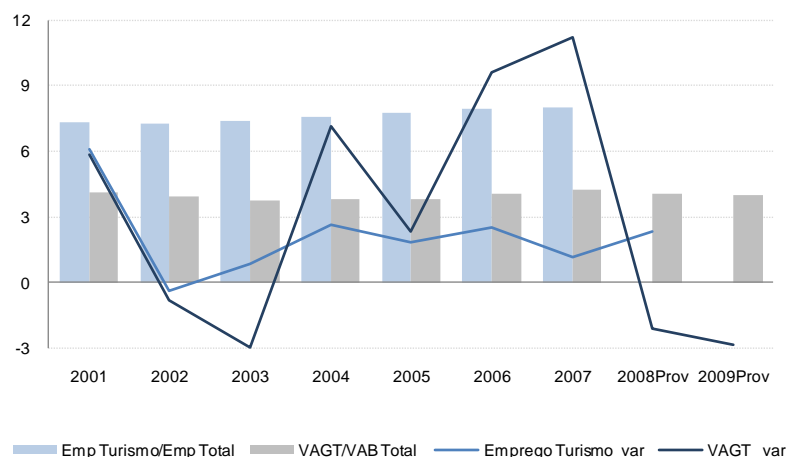
Figura 10. Número de dormidas dos não-residentes, por país



Fonte: Eurostat.

Os dados disponíveis para a Conta Satélite do Turismo, permitem verificar que a atividade do turismo em Portugal tem assumido, nos últimos anos, um comportamento estável quer em termos de emprego (7,4% em 2001 e 8% em 2007), quer em termos de VAB gerado (4,1% em 2001 e 4% em 2009, segundo dados provisórios). Depois de em 2003, num contexto de crise, se ter registado uma quebra da atividade do turismo (-3%), em 2004 verificou-se um elevado crescimento do VAB gerado pelo turismo associado ao Euro 2004 (7,2%), mantendo-se nos 3 anos seguintes uma taxa de crescimento do VAB superior à do número de indivíduos empregados nesta atividade. De acordo com os dados provisórios disponíveis, a quebra no VAB gerado pelo turismo associada à crise financeira e internacional de 2008 situou-se pelos 13,3 p.p.. Contudo, estas flutuações na taxa de crescimento do VAB terão acompanhado a quebra registada no total da economia, já que o peso do VAB gerado no turismo no total da economia não sofreu alterações.

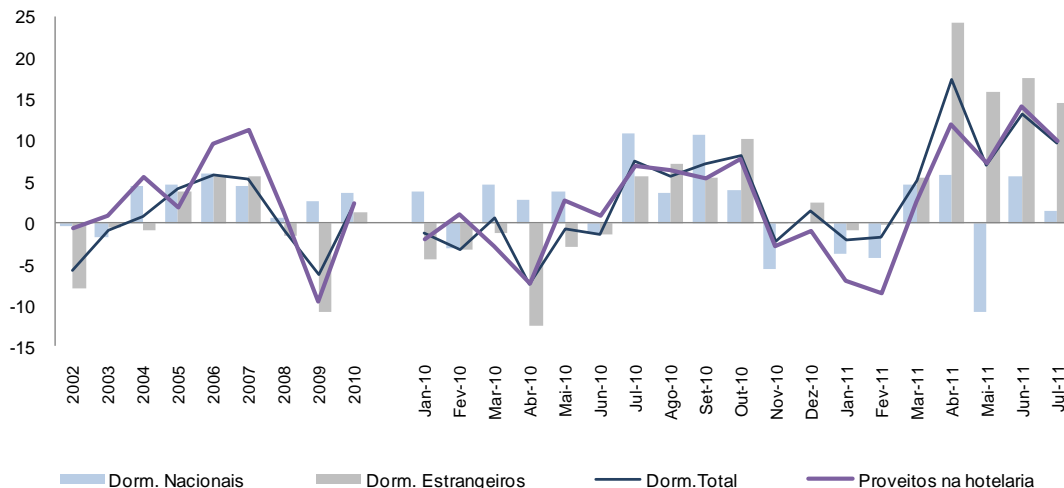
Figura 11. Turismo em Portugal: evolução do número de indivíduos empregues e do VAB gerado (%)



Fonte: INE - Conta Satélite do Turismo.

Depois de em 2009 e meados de 2010 se terem verificado quebras acentuadas no número de dormidas de estrangeiros, iniciou-se em 2010 um crescimento deste indicador que se prolongou em 2011. Também os proveitos registaram um aumento médio de 4,3% nos primeiros sete meses do ano (2,3% no ano de 2010 e -9,5% em 2009).

Figura 12. Evolução das dormidas e proveitos na hotelaria em Portugal



Fonte: INE.

Na última década as dormidas em Portugal registaram um crescimento acumulado de 10,6% (33 795 mil dormidas em 2000 para 37 391 em 2010), que se ficou a dever a um crescimento acentuado por parte dos residentes (cerca de 42%), já que o número de dormidas dos não residentes sofreu uma quebra de 2%, aproximadamente. Quanto aos destinos escolhidos pelos turistas residentes, não se verificou uma alteração na estrutura das dormidas em estabelecimentos hoteleiros e similares por região, continuando o Algarve a ser o principal destino que viu a sua preferência ser reforçada pelos turistas portugueses em detrimento dos destinos a norte do rio Tejo.

No que se refere aos turistas não-residentes, enquanto no ano 2000 o número de dormidas no Algarve representava mais de 50% em 2010 representou 40% do total de dormidas dos não-residentes. Para estes turistas ganhou relevância a cidade Lisboa que cresceu 5 p.p., mas também as regiões Norte e Centro do país. No que se refere às Regiões Autónomas, não se verificou uma alteração de estrutura significativa, continuando a Região Autónoma da Madeira a ser o 3.º destino turístico dos não-residentes, quando analisado através do número de dormidas.

Figura 13. Número de dormidas em estabelecimentos hoteleiros e similares por região, em Portugal

NUTS II	Residentes						Não-Residentes						Total de Dormidas					
	2000		2005		2010		2000		2005		2010		2000		2005		2010	
	milhares	%	milhares	%	milhares	%	milhares	%	milhares	%	milhares	%	milhares	%	milhares	%	milhares	%
Portugal	9 693		11 648		13 783		24 102		23 873		23 608		33 795		35 521		37 391	
Continente	8 655	89%	10 362	89%	12 407	90%	19 598	81%	18 385	77%	18 956	80%	28 253	84%	28 747	81%	31 363	84%
Norte	1 865	19%	2 159	19%	2 511	18%	1 148	5%	1 279	5%	1 927	8%	3 013	9%	3 439	10%	4 438	12%
Centro	1 852	19%	2 217	19%	2 542	18%	1 070	4%	1 080	5%	1 342	6%	2 921	9%	3 297	9%	3 885	10%
Lisboa	1 922	20%	2 127	18%	2 623	19%	4 908	20%	5 130	21%	5 997	25%	6 831	20%	7 257	20%	8 620	23%
Alentejo	657	7%	695	6%	898	7%	261	1%	245	1%	275	1%	917	3%	939	3%	1 173	3%
Algarve	2 360	24%	3 163	27%	3 832	28%	12 211	51%	10 651	45%	9 416	40%	14 571	43%	13 814	39%	13 247	35%
Reg. A. Açores	378	4%	480	4%	509	4%	203	1%	655	3%	526	2%	580	2%	1 136	3%	1 035	3%
Reg. A. Madeira	661	7%	806	7%	868	6%	4 301	18%	4 833	20%	4 126	17%	4 962	15%	5 638	16%	4 994	13%

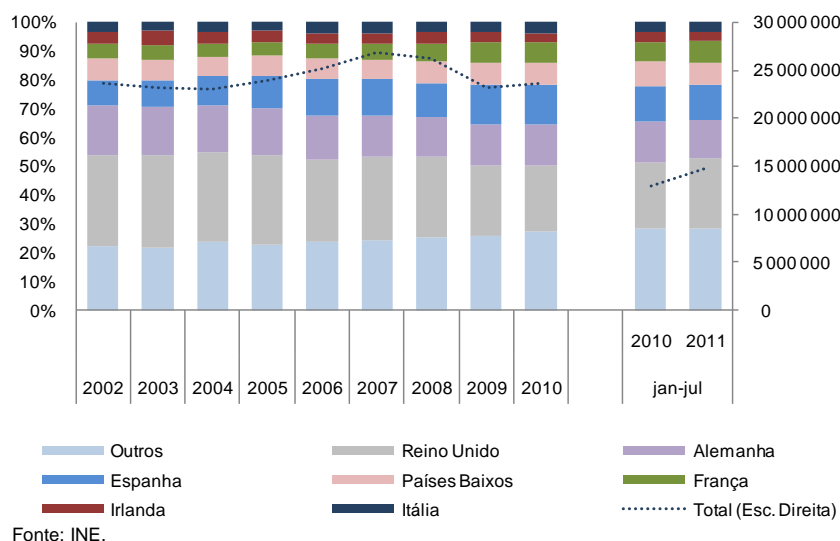
Fonte: Eurostat.

O número de dormidas dos não residentes depois de ter conhecido um crescimento mais significativo em 2006 e 2007, diminuiu no contexto da crise económica e financeira internacional, continuando nos

primeiros 7 meses deste ano a trajetória de recuperação. O Reino Unido continua a ser o principal país de origem dos turistas não residentes, embora ao longo dos últimos anos se tenha vindo a assistir a uma diminuição da sua importância relativa, quando analisado pelo número de dormidas (23% em 2010 face a 31% em 2002).

Em sentido contrário, tem-se assistido a um aumento da importância dos turistas espanhóis (14% do total de turistas não residentes em 2010 face a 9% em 2002), mas também a uma diversificação de mercados, com crescimento recente de turistas provenientes de outros países, nomeadamente do Brasil.

Figura 14. Evolução das dormidas dos turistas não residentes



A segunda metade do ano de 2010 marca uma recuperação do número de dormidas que se continuou a verificar no primeiro semestre de 2011. Em particular no 2.º trimestre deste ano verificou-se um crescimento homólogo acentuado (12,7%) depois de no mesmo período do ano anterior se ter registado uma quebra de 3,1%. Verificaram-se contudo, algumas exceções, uma vez que o número de dormidas dos turistas provenientes de Itália, EUA e principalmente do Brasil aumentou persistentemente neste período mais recente. Em particular o Brasil que tem registado elevadas taxas de crescimento e que representa já 2% do total do número de dormidas em Portugal.

Figura 15. Número de dormidas por país de residência habitual

	Peso	2010		2011 (milhares)		2010/09 (t.v.h.,%)				2011/10 (t.v.h., %)	
	2010	milhares	t.v.h.%	IT	IIT	IT	IIT	IIIT	IVT	IT	IIT
Dormidas-Total	100%	37 454	2,1	6 031	11 078	-1,1	-3,1	6,6	3,5	1,0	12,7
Não residentes	63%	23 680	1,2	3 830	7 561	-2,8	-5,5	6,1	5,6	2,0	19,5
Principais países	51%	19 126	0,1	3 008	6 110	-4,0	-6,7	5,0	4,4	3,6	19,7
Reino Unido	15%	5 495	-4,1	870	1 956	-15,2	-9,4	2,8	1,9	2,5	29,3
Alemanha	9%	3 279	-1,8	653	973	-8,0	-9,7	6,0	4,3	1,7	12,5
Espanha	9%	3 278	1,4	424	834	19,0	-7,1	4,7	-7,0	-6,6	18,9
França	4%	1 619	0,3	210	626	-10,3	-8,0	7,2	10,5	27,7	19,1
Países Baixos	5%	1 843	2,5	344	547	-5,1	-2,0	5,5	12,8	4,2	10,5
Irlanda	2%	827	-6,9	59	287	7,5	-18,2	-4,7	11,1	6,8	12,5
Brasil	2%	829	37,6	163	281	41,6	39,5	41,5	28,6	13,8	31,7
Itália	2%	869	7,5	132	232	7,9	4,6	7,3	12,0	3,9	12,7
EUA	2%	577	7,3	90	193	3,6	4,4	8,6	11,6	10,3	10,5
Bélgica	1%	510	-7,8	64	182	-13,0	-13,7	-3,7	-1,5	12,0	15,8

Fonte: INE.